

A RUA E O ESPAÇO URBANO: UM CAMINHO DE TRANSFORMAÇÕES

THE STREET AND URBAN SPACE: A PATH OF TRANSFORMATIONS

LA CALLE Y EL ESPACIO URBANO: UN CAMINO DE TRANSFORMACIONES

Valter Caldana¹, Nayara Pires², Gabriela Incagnoli³, Julia Detolvo Cruz⁴

DOI: 10.54899/dcs.v22i81.2992

Recibido: 29/5/2025 | Aceptado: 3/6/2025 | Publicación en línea: 25/7/2025.

RESUMO

Considerando que, nas cidades, as ruas são elementos protagonistas de seu processo de desenvolvimento e da própria arquitetura e urbanismo, seria impossível conceber sua construção negando o espaço público e vice-versa, uma vez que ambos carregam significados e identidades da vida em sociedade, proporcionando amplas e diversificadas experiências e um vasto campo de possibilidades. Assim sendo, este artigo tem como objetivo repensar, por meio de um estudo historiográfico, o percurso de desenvolvimento das ruas nas cidades e suas transformações ao longo do tempo, evidenciando desde a superficialidade inicial, passando por suas modificações, até sua relevância na atualidade. Hoje, a rua é agente e protagonista do complexo sistema que constitui o espaço urbano. É flexível por excelência, pois nela tudo é possível e, por esse motivo, constitui um caso especial. A partir de um referencial teórico amplo, que se inicia com Leonardo Benevolo, Giulio Carlo Argan e Le Corbusier, o estudo se assenta especialmente nas contribuições de Massimo Cacciari, cuja leitura filosófica sobre a cidade sustenta a compreensão da rua como expressão identitária e elemento estruturante do espaço urbano. O percurso cronológico adotado que parte da Grécia, passando por Roma, Idade Média, Renascimento (séculos XV e XVI), meados do século XIX, início do século XX e chega, por fim, à contemporaneidade busca refletir criticamente sobre o papel da rua nas cidades, tanto no presente quanto ao longo da história.

Palavras-chave: Rua. Cidade. Espaço Público. Espaço Urbano. Lugar de Experiências.

ABSTRACT

Considering that, in cities, streets are key elements in their development process as well as in architecture and urban planning, it would be impossible to conceive their construction while denying public space and vice versa since both carry meanings and identities of life in society, offering broad and diverse experiences and a wide range of possibilities. Therefore, this article aims to reconsider, through a historiographical study, the developmental trajectory of streets in

¹ Doutor em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil.
E-mail: vcaldana@yahoo.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5351-4537>

² Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, São Paulo, Brasil.
E-mail: nayarapiresarquitetura@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4974-4441>

³ Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, São Paulo, Brasil.
E-mail: arq.incagnoli@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-5418-1185>

⁴ Graduada em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: julia.detolvo.cruz@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-9205-9151>

cities and their transformations over time, highlighting their initial superficiality, subsequent changes, and current relevance. Today, the street is both agent and protagonist of the complex system that constitutes urban space. It is inherently flexible, as anything is possible within it, and for this reason, it represents a special case. Based on a broad theoretical framework beginning with Leonardo Benevolo, Giulio Carlo Argan, and Le Corbusier the study relies especially on the contributions of Massimo Cacciari, whose philosophical interpretation of the city supports the understanding of the street as an expression of identity and a structuring element of urban space. The chronological path adopted starting with Greece, passing through Rome, the Middle Ages, the Renaissance (15th and 16th centuries), the mid-19th century, the early 20th century, and finally reaching the contemporary period seeks to critically reflect on the role of the street in cities, both in the present and throughout history.

Keywords: Street. City. Public Space. Urban Space. Place of Experiences.

RESUMEN

Considerando que, en las ciudades, las calles son elementos protagonistas en su proceso de desarrollo, así como en la propia arquitectura y el urbanismo, sería imposible concebir su construcción negando el espacio público y viceversa, ya que ambos portan significados e identidades de la vida en sociedad, ofreciendo experiencias amplias y diversas, además de un vasto campo de posibilidades. Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo repensar, a través de un estudio historiográfico, el recorrido del desarrollo de las calles en las ciudades y sus transformaciones a lo largo del tiempo, evidenciando desde su superficialidad inicial, pasando por sus modificaciones, hasta su relevancia en la actualidad. Hoy en día, la calle es agente y protagonista del complejo sistema que constituye el espacio urbano. Es flexible por excelencia, pues en ella todo es posible y, por esta razón, constituye un caso especial. A partir de un marco teórico amplio que comienza con Leonardo Benevolo, Giulio Carlo Argan y Le Corbusier, el estudio se basa especialmente en las contribuciones de Massimo Cacciari, cuya lectura filosófica sobre la ciudad sustenta la comprensión de la calle como una expresión identitaria y un elemento estructurante del espacio urbano. El recorrido cronológico adoptado que parte de Grecia, pasando por Roma, la Edad Media, el Renacimiento (siglos XV y XVI), mediados del siglo XIX, principios del siglo XX y llega, finalmente, a la contemporaneidad busca reflexionar críticamente sobre el papel de la calle en las ciudades, tanto en el presente como a lo largo de la historia.

Palabras clave: Calle. Ciudad. Espacio Público. Espacio Urbano. Lugar de Experiencias.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

As ruas demarcam territórios e essas demarcações são importantes para a organização dos espaços públicos e privados. Elas podem ser entendidas como mais do que simplesmente limites, já que a palavra “limite” transmite sensação de pertencimento ou posse, e as ruas abrangem uma

esfera pública. É tempo de se pensar nas ruas das cidades, serão elas os elementos protagonistas do processo de desenvolvimento das cidades e da própria arquitetura e urbanismo?

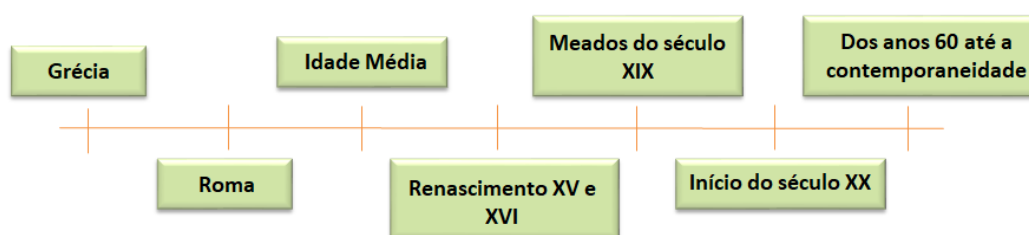
Seria impossível pensar nas construções das cidades negando o espaço público e vice-versa que carregam significados e identidades de uma vida em sociedade. Portanto, essa investigação é relevante e se justifica pela importância da história das cidades, a valorização dela enquanto meio em que se vive e que se consome. O artigo tem como objetivo geral repensar através de um estudo historiográfico o seu percurso de desenvolvimento e suas transformações ao longo do tempo, mostrar a superficialidade a qual a rua era tratada em sua origem, as suas modificações e a sua importância na atualidade, hoje considerada agente do espaço, flexível por excelência, pois nela tudo é possível e por esse motivo à tona um caso especial. O objetivo específico analisará a partir da sequência a seguir, o histórico da cidade e rua na Grécia; Roma, Idade Média, Renascimento XV e XVI; meados do século XIX; Início do século XX; e por fim dos anos 60 até a contemporaneidade. O recorte temporal escolhido se justifica em detrimento de acontecimentos julgados importantes em cada um dos espaços, e assim, construir um panorama geral da importância da rua. É importante ressaltar que esta pesquisa é parte do desenvolvimento da dissertação de mestrado chamada “As Manifestações da Flexibilidade na Arquitetura”, que demonstra algumas interferências da flexibilidade no espaço. Para fortalecer essa pesquisa, o referencial teórico contará com autores que tratam de tais assuntos em suas pesquisas, sendo assim, alguns deles serão: Leonardo Benevolo, Giulio Carlo Argan, Massimo Cacciari, e Le Corbusier. Para tanto, se adotou como percurso metodológico revisões historiográficas do estudo do percurso e desenvolvimento das ruas e levantamento de dados específicos de momentos e fatos históricos que aconteceram em determinados períodos da história, ordem esta, citada nos objetivos específicos. No desenvolvimento do texto serão trazidas discussões e reflexões, posteriormente, as considerações finais.

A CIDADE

Para que o leitor possa compreender o histórico da rua que nasce a partir da formação das cidades, é necessário saber que esta explicação é apenas uma, já que existem várias outras de como surgem e por que surgem. Desta forma, a seguir foi escolhido um percurso de estudo que se inicia na Grécia e se dirige até a contemporaneidade para que seja possível acompanhar uma linha de raciocínio.

Figura 1

Percurso de estudo da rua



Como se sabe não se pode falar de rua sem que se fale necessariamente da cidade que é seu grande conjunto. O conceito de “cidade” é muito amplo e merece atenção das mais variadas origens. Há um conceito muito mais amplo, por exemplo, do que aquele contido em dicionários como Aurélio. De acordo com o dicionário, o conceito de cidade é extremamente simples ante seu complexo e abrangente significado. Ali, cidade significa uma “povoação que corresponde a uma categoria administrativa, geralmente caracterizada por um número elevado de habitantes, por elevada densidade populacional e por determinadas infraestruturas, cuja maioria da população trabalha na indústria ou nos outros serviços”. Sob a ótica da população contemporânea, cidade talvez represente um espaço econômico, parte de um mundo capitalista, compreendida por uma resistência às diversidades. Mas, será que uma palavra tão complexa e cheia de subentendidos, teria somente essas definições?

Para o autor Williams, R (2007, pág. 76), cidade é conceituada da seguinte forma:

City existe no inglês desde o século 13, mas seu uso moderno característico para referir-se a uma cidade grande ou muito grande, e seu uso correspondente para distinguir as áreas urbanas das áreas rurais ou do campo, datam a importância crescente da vida urbana do século 16 em diante, mas até o século 19 seu uso ficou reservado, sobretudo à cidade capital, Londres. O uso mais geral corresponde ao rápido desenvolvimento da vida urbana durante a revolução industrial, o que, por volta de meados do século 19, fez com que a Inglaterra se tornasse a primeira sociedade da história mundial na qual a maioria da população vivia em cidade [...].

Com o surgimento das primeiras cidades, na idade do bronze, nos vales dos rios Nilo, Tigre e Eufrates (por volta de 3500 e 3000 a.C), no vale do rio Indo (2500 a.C), e no oriente próximo as planícies dos grandes rios na China (1500 a.C) tinham como fator econômico decisivo, a agricultura, na fundação das primeiras cidades. Com o principal progresso tecnológico, ou seja, a descoberta do bronze substituiu definitivamente a pedra na manufatura de

todas as variedades de ferramentas (COULON; OLGA; PEDRO, 2006). Segundo os mesmos autores, as enchentes eram frequentes e favoreciam a produtividade da terra, pois fertilizavam o solo. Precisavam ser controladas e para isso necessitavam da contribuição de todo o coletivo, pois com as diversas atividades movimentavam as divisões de tarefas das diferentes aldeias e civilizações.

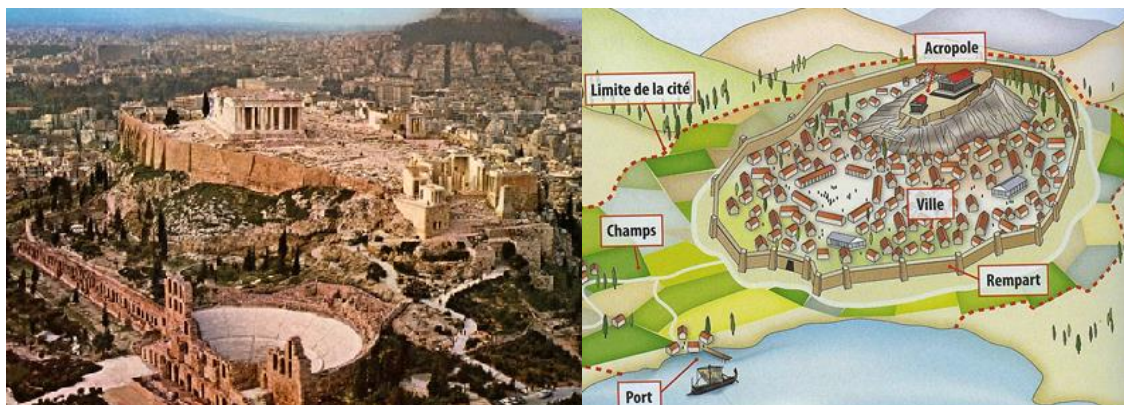
A partir dessa organização, surge à necessidade de um centro administrativo, uma espécie de comunidade capaz de colaborar com as diferentes tarefas para supervisão de colheitas, armazenamento de grãos, dedicação à administração, artesanato e comércio, entre outras atividades que com a aglomeração de gêneros, divisões de funções, necessidade administrativas, fez surgir às aldeias, as cidades. A necessidade e o avanço das técnicas acabaram por gerar então o comércio; o que no início se procedia por simples troca, mais tarde, com o surgimento de mercadorias mais complexas, transforma-se em profissão.

De forma independente, com suas próprias leis e regimes políticos, surgiram às cidades-estados, como Tróia, Atenas e Esparta, as mais notáveis na Grécia Antiga. De acordo com o Cacciari (2010, pg.10) a Grécia e Roma são as precursoras, porém com dois modelos contraditórios de cidade: as civitas romanas, onde se reuniam várias pessoas sob as mesmas leis, e a pólis grega, lugar que servia de sede a determinadas pessoas.

Para sintetizar, o filósofo Massimo Cacciari (2010) partiu da percepção de dois vernáculos comentados em seu livro “A Cidade”, sendo um ligado ao grego e outro ao romano, a qual estabelece uma diferença entre a cidade tipicamente formada pela matriz de pensamento da pólis grega e a cidade formada pela matriz de pensamento das civitas romanas, revelando que na pólis o espaço se forma mediante a uma comprovação de identidade entre os semelhantes, ou seja, reúnem-se grupos que identificam semelhanças entre si, formando-se, então, um território, como na figura abaixo. O território surge após uma identidade comprovada por laços hereditários.

Figura 2

Matriz de pensamento da pólis grega



Fonte: Pires (2020)

Ao contrário das civitas romanas, que é a matriz de pensamento romano de cidade, as pessoas são inseridas ao local, independente de comprovação de seus laços hereditários, pois são regidas por um movimento orgânico que as trouxe até essa circunstância, obrigadas a se conduzirem a um marco regulatório que organize e modere as diferenças.

[...] city deriva da p.i. cité, do francês antigo, e da p.r. latina civitas. Mas civitas não era cidade no sentido moderno; para isso havia a palavra latina urbs. Civitas era o substantivo geral derivado do latim civis – cidadão, que se aproxima do nosso sentido moderno de nativo. Civitas era, portanto, antes o conjunto de cidadãos do que um assentamento ou um tipo de assentamento específico. [...] Em um longo e complicado desenvolvimento, civitas e seus derivados especializaram-se para designar a principal cidade de um Estado e, no uso eclesiástico, a cidade sede de uma catedral. (WILLIAMS, R, 2007, pág. 76).

Figura 3

Matriz de pensamento dos Civitas romanas



Fonte: Teodosio (2013)

Contudo, Segundo Cacciari (2010), é a partir desses conceitos que surge a herança da civilização ocidental a qual se refere à história do direito romano. Vale ressaltar que a partir da formação das cidades, as ruas tornaram-se um dos principais elementos urbanos da cidade e possui extrema importância na vida política e na vida pública das cidades quando considerado que esse é um elemento que resulta nas relações de convívio proporcionadas pela vida em sociedade, motivada por razões econômicas, políticas e sociais. Embora a palavra “rua” possua inúmeros significados, aqui será estudado por um único e preciso viés, a rua como elemento físico.

A RUA

Na Grécia, com origem na pólis, as práticas de cidadania, e locais de encontro são constituídas pelos espaços públicos, que são formados pela consciência de uma vida comum. Via de regra, as ruas na Grécia são topograficamente tortuosas e estreitas, seguindo o alinhamento contínuo das habitações. Na paisagem, sobressaem apenas os monumentos de importância pública, como mercado, templos, ágora, que independem da malha urbana do espaço. (BENEVOLO, 2015)

Em Roma, as formas do espaço urbano são espelhos das novas posições da vida social, diferentemente da pólis grega, as ruas romanas adquirem grandiosidade, as vias são alargadas e conseqüentemente novas infraestruturas, monumentos, pontes, canais e aquedutos, abordando um novo cenário urbano. Pisetta (2017) comenta que a religião era de fato muito importante nesse período, desta forma a área central da cidade é definida a partir do encontro de “eixos cósmicos”, diz ainda que a ordenação dos espaços públicos e a monumentalidade salientam o significado de autoridade e força. Nesse mesmo período surge o zoneamento das cidades, gerando uma hierarquia social do território. Na idade média, a organização espacial se transforma sobre o traçado da antiguidade. As ruas se fracionam pouco a pouco em principais e secundárias que em um momento específico se confluem formando praças e largos interagindo no desenvolvimento da cidade.

Figura 4

A rua da idade média



Fonte: Sanguer (2014)

A rua é evidenciada pelo espaço urbano na cidade medieval, além de ser considerado elemento base do espaço. Como dito por Pisetta (2017), “Cabe observar que as características da rua medieval, apontam para a escala humana associada à diversidade de atividades comerciais e afins que promovem o encontro nos ambientes públicos da cidade”. Comenta também, que a escala reduzida, a continuidade do traçado, as trocas sociais e o convívio são apenas algumas das considerações que qualificam e dão vida para o tecido urbano medieval.

Com a chegada dos séculos XV e XVI, o período Renascentista surge às preocupações sobre a urbanística das cidades, aflorando as propostas das cidades ideais e a cultura humanista.

No final do século XVI, Argan (1999) comenta que a cidade ideal é de fato uma intervenção política e artística ao mesmo tempo, pois entende que a perfeição organizacional social e política corresponde à forma arquitetônica e urbanística da cidade, desta forma a cidade do Renascimento é designada como uma obra de arte.

Figura 5

As ruas do período Renascentista



Fonte: Fernandes (2015)

No Renascimento, diferente das condições medievais, as ruas tornam-se mais amplas e valorizadas pelo sentido da beleza e pelos valores clássicos. Ainda em processo de adequação, por óbvio as ruas ainda estavam sendo adaptadas, já que neste período havia grande preocupação em explorar a paisagem a partir do aprimoramento do espaço público juntamente com os edifícios da época.

Em meados do século XIX, com a Revolução Industrial, a estruturação urbana e a vida social passam por transformações tanto por consequência do crescimento populacional das cidades, quanto pela aceleração do consumo de bens e serviços, construções aceleradas de ferrovias, pontes e estradas.

Decorrente do crescimento populacional e da superlotação nas cidades, os bairros periféricos começam a surgir como alternativas de moradias de baixa renda e com o valor do solo mais baixo, sendo esse o centro antigo. Já as moradias que o valor do solo é maior do que a própria residência são organizadas por extensão de loteamentos, surgindo pontos espalhados de aglomerações no tecido urbano.

Figura 6

Bairros periféricos sob viadutos, Londres.



Fonte: Benevolo (2015)

Desta forma, não mais como antes, agora as ruas da cidade industrial ignoram as questões estéticas, fazendo dessa circulação um mero trajeto. O quarteirão é abandonado e a praça passa a ser caracterizada por um largo e não mais um local de manifestações e convívio. (LAMAS, 2014)

O artista Georges Eugène Haussmann, considerado como “artista demolidor”, propõe transformações através de intervenções na reforma urbana, que a priori viabiliza a lei sanitária em 1850 e lei de expropriação de 1840, para além de construir largas vias, desenvolver obras de infraestruturas com sistemas de iluminação pública, redes de transportes públicos e sistemas de esgoto. Sua proposta parisiense retificou o traçado urbano e quebrou a relação conquistada na cidade medieval entre os espaços públicos e privados.

Com a chegada do século XX, novas morfologias urbanas são propostas, e desencadeia um rompimento entre as antigas formas de cidades e o movimento moderno, dessa vez buscando novamente novas relações entre os espaços públicos e privados. Le Corbusier fundamenta então, a cidade em quatro funções: habitar, trabalhar, lazer e circular, estabelecendo prioridades para a cidade moderna.

A partir das fundamentações dadas por Corbusier, Le (1993), separa então, a rua da casa, excluindo a “rua-corredor” formada por asfalto e calçadas, e colocando a casa como protagonista do desenho urbano, e afastando-a do tráfego.

A casa então não estará mais unida à rua por sua calçada. A habitação se erguerá em seu próprio meio, onde gozará de sol, de ar puro e de silêncio. A circulação se desdobrará por meio de vias de percurso lento para o uso de pedestres, e de vias de percurso para o uso de veículos. Cada uma dessas vias desempenhará sua função, só se aproximando ocasionalmente da habitação. O alinhamento tradicional dos imóveis ao longo das ruas acarreta uma disposição obrigatória do volume construído. Ao serem cortadas, ruas paralelas ou oblíquas desenharam superfícies quadradas ou retangulares, trapezoidais ou triangulares de capacidades diversas que, uma vez edificadas, constituem os “blocos”. (CORBUSIER, 1993).

É importante ressaltar que a cidade tradicional é inóspita e insalubre, já a cidade moderna é pensada através dos arquitetos e urbanistas para inovar os modos de viver a cidade.

Por que ruas tão largas?
Por que ruas tão retas?
Meu passo torto
foi regulado pelos becos tortos
de onde venho.
Não sei andar na vastidão simétrica
implacável.
Cidade grande é isso?
Cidades são passagens sinuosas
de esconde-esconde
em que as casas aparecem-desaparecem
quando bem entendem
e todo mundo acha normal.
Aqui tudo é exposto
evidente
cintilante. Aqui
obrigam-me a nascer de novo, desarmado.
(ANDRADE, Carlos Drummond, 1979).

Dos anos de 1960 até a contemporaneidade, o modelo da cidade passou novamente por transformações. A partir da década de sessenta a discussão acerca da cidade provoca críticas teóricas e práticas, pois como compreendido por Jacobs (2014) o planejamento urbano deve ser desenvolvido a partir das experiências vividas no espaço, por erros e acertos, e não desenvolvidas com base ideológica de cidades perfeitas e imaginárias.

Em consequência disso, os arquitetos e urbanistas voltaram a projetar a cidade pensando no local como renovação urbana, com quarteirões, ruas, praças e um traçado que contribuísse para tornar-se um bem de valor. Para tanto, a forma urbana contemporânea relacionada com os espaços públicos possui certas considerações.

Para o autor Caldeira (2011) o espaço público atual é fragmentado e a desigualdade é um fator agravante. Para Harvey (2018) as cidades atuais persistem no capitalismo e diz ainda que sempre foi um tipo de fenômeno de classe. E para Sevckenko (2006) a arquitetura e o urbanismo contemporâneo estão voltados para fins mercadológicos.

A visão de Sevckenko é importante para esse estudo visto que retrata a produção de espaços como uma forma de aumentar o consumo. Comenta que no século XXI o novo cenário é resultado das novas tecnologias e das constantes mudanças do cotidiano, desta forma traduz a cidade atual como um produto de novos tempos e usa como exemplo os centros culturais e os museus para explicar que através deles que o turismo é atraído pelo marketing, sendo então valorizado pelo aumento do consumo e não pela valorização do local.

Não apenas o espaço fechado, mas também os espaços abertos, como as próprias ruas podem ser considerados um instrumento qualificador, como meio de proporcionar qualidade sensorial, espacial e tornar-se um fator de vida nas cidades. A rua é um elemento ativo na vida das pessoas, ao qual se submetem diariamente seja como uma passagem obrigatória ou opcional, seja como estar. O próprio autor Lefebvre (1961) diz que a rua tem vida e possui animação própria onde acolhe expressões artísticas e intervenções possíveis de tornar-se um espetáculo ao ar livre, com espectador e ator, contribuindo com a prática do convívio social de forma lúdica e informativa.

O espaço público contribui para a afloração dos sentidos através dos movimentos contemporâneos que envolvem o indivíduo e as sensações, as experiências e a interatividade. De acordo com Zevi (1978) só é possível ter experiência arquitetônica quando o indivíduo participa do interior do edifício, já no espaço público as experiências se estendem nos parques, becos, praças e nas ruas, seja por atuação efêmera ou pela simples presença de grupos de pessoas que aproveitam o espaço pela cultura, lazer, interesses em comuns ou divergentes. As ruas dos comércios, por exemplo, por excelência desenvolvem a integração entre as áreas privadas, como no caso dos edifícios das mais variadas tipologias – serviços, institucional, residência etc. E das áreas públicas, como no caso das praças, ruas e calçadas etc.

A ação da compra, além de cumprir seu papel para manutenção dos consumidores, possui também caráter de atividade que busca novas experiências culturais e sociais. Possibilita sensação de conforto quando se trata de ambientes familiares, já que o surgimento de novas ruas onde o comércio se instala traz novas centralidades e novas maneiras de explorar o espaço.

A rua contemporânea como lugar de compra, enquanto suporte da diversão e da sociabilidade não apenas experimenta e percorre a vida urbana, mas também expressa sua identidade publicamente, já que atualmente o consumo se relaciona com a experiência oferecida pelo lugar da compra, e não mais apenas como apelo à mercadoria. A rua comercial pode se transformar, mas ainda mantém seu papel original como campo de sociabilidade assim como acontecia nos antigos mercados públicos que contribuíram para o surgimento das primeiras cidades.

CONCLUSÃO

Nesses novos tempos a sociedade apropria-se das ruas, dos agentes do espaço e do direito à cidade, nela está presente às festas, os blocos carnavalescos, os funerais, os casamentos, os veículos e os indivíduos, os feirantes, as exposições artísticas, os protestos, o direito de ir e vir, os vendedores, os atores, as relações e as próprias experiências cotidianas. Historicamente a rua é um espaço flexível por excelência, pois nela tudo é possível e por esse motivo à torna um caso especial. A reconquista do espaço público cria mais espaço para pedestres e reduz a presença do automóvel no centro da cidade, que além disso, vira palco para as intervenções artísticas. Por meio dessa revisão de um determinado período da história, explicita como as ruas das cidades passam de um mero lugar de passagem para um espaço de trocas de experiências, de acontecimentos, de conexões e desconexões, transformações, espaço esse de extrema importância na atualidade como lugar de expressão e representatividade individual, que além de belo e funcional, torna-se essencial.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Esquecer para lembrar: boitempo III*. Rio de Janeiro: José Olympio. Livro. 1979.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Clássico anticlássico: o Renascimento de Brunelleschi a Bruegel*. São Paulo: Companhia das Letras. Livro. 1999.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Walter Gropius e a Bauhaus*. Trad. Emílio Campos Lima. 2. Ed. Lisboa: Presença. Livro. 1990.
- BENEVOLO, Leonardo. *História da Cidade*. 6.ed. São Paulo. Perspectiva. Livro. 2015.
- CACCIARI, Massimo. *A Cidade*. Espanha. GG BR - Gustavo Gili. Livro. 2010.

- CALDEIRA, Teresa Pres do Rio. *Cidade de Muros: crime segregação e cidadania em São Paulo*. 3.ed. São Paulo: Ed:34; EDUSP. Livro. 2011
- CORBUSIER, Le. *A Carta de Atenas*. São Paulo. Hucitec. Livro. 1993.
- COULON; OLGA; PEDRO, 2006. *O Surgimento das Cidades*. Disponível em: <https://www.algosobre.com.br/historia/surgimento-das-cidades-o.html>. Artigo. Acesso em: 16 de abril de 2017.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 25.ed. São Paulo: Edições Loyola. Livro. 2018.
- LAMAS, José M. Ressano Garcia Lopes. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. 7. Ed. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e Tecnologia. Livro. 2014.
- LEFEBVRE, H. *The Production of Space*. Blackwell. Livro. 1991. Disponível em: http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/1a_aula/the_production_of_space.pdf. Acesso em: 10 de novembro de 2017
- PIRES, Nayara. *Flexibilidade: Arquitetura em Movimento*. Ed. Appris. Livro. 2020.
- PISETTA, Cecília et al. *Do edifício à cidade: um estudo da rua*. 2017. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/3278>. Acesso em: 08 de maio de 2018
- SANGUER. *A rua da idade média*. Artigo. 2014. Disponível em: <https://pt.depositphotos.com/40547357/stock-photo-the-buildings-the-streets-and.html>. Acesso em: 13 de novembro de 2018.
- SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Editora Schwarcz. Livro. 2006.
- TEODOSIO. *Arte romano la arquitectura romana*. Artigo. 2013. Disponível em: <https://tuscenciassociales-teodosio.blogspot.com/2013/09/arte-romano-la-arquitectura-romana.html>. Acesso em 12 de novembro de 2018.
- WILLIMS RAYMOND. *Palavras-chave: Um Vocabulário de Cultura e Sociedade*. Tradução de Sandra | Guardini Vasconcelos. São Paulo. Livro. 2007
- ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes. Livro. 1978.